

EXPOSIÇÃO A FAKE NEWS EM SAÚDE ENTRE PACIENTES ONCOLÓGICOS EM QUIMIOTERAPIA NO MEIO-OESTE CATARINENSE

Sheron Nadyesca Rodrigues Sandi¹, Danieli Rebonatto², Gabriela Pasini dos Santos³, Gabrieli Carvalho Santini⁴, Tatiane Nogueira Gonzalez⁵, Luana Patrícia Marmitt⁶

1. Discente do curso de graduação em Medicina, Unoesc, Joaçaba, SC
2. Discente do curso de graduação em Medicina, Unoesc, Joaçaba, SC
3. Discente do curso de graduação em Medicina, Unoesc, Joaçaba, SC
4. Discente do curso de graduação em Medicina, Unoesc, Joaçaba, SC
5. Docente do Programa de Pós-Graduação em Biociências e Saúde, Unoesc, Joaçaba, SC
6. Docente do Programa de Pós-Graduação em Biociências e Saúde, Unoesc, Joaçaba, SC

Autor correspondente: Sheron Nadyesca Rodrigues Sandi, sheronnadyesca@gmail.com

Área: Ciências da Vida e Saúde

Introdução: A disseminação de notícias falsas (fake news) sobre câncer e tratamentos oncológicos tem crescido com o uso das redes sociais, podendo comprometer a adesão às terapias convencionais, gerar insegurança e impactar negativamente a saúde dos pacientes. **Objetivo:** Investigar a exposição de pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico no Meio-Oeste Catarinense a fake news relacionadas à saúde, identificar as principais temáticas envolvidas, fontes de disseminação e possíveis impactos na adesão ao tratamento médico. **Método:** Estudo transversal realizado no setor de oncologia do Hospital Universitário Santa Terezinha, Joaçaba-SC, entre outubro de 2024 e julho de 2025. A amostra foi composta por 363 pacientes em tratamento quimioterápico, maiores de 18 anos, de ambos os sexos. A coleta ocorreu por entrevistas presenciais durante as sessões de quimioterapia, utilizando questionário estruturado. Foram investigados o recebimento de informações falsas, temas mais frequentes, fontes de disseminação e se tais informações influenciaram a adesão ao tratamento. Os dados foram analisados por estatística descritiva. **Resultados:** A amostra foi composta majoritariamente por mulheres (65,6%), com média de idade de 58 anos (DP = 13,2); 43,0% possuíam ensino fundamental incompleto, enquanto apenas 13,5% tinham ensino superior completo ou incompleto. Entre os participantes, 35,3% relataram já ter recebido informações falsas sobre saúde. Os principais temas identificados foram vacinas (25,3%), COVID-19 (25,2%), tratamento para câncer (19,2%), medicamentos (18,7%), alimentação e dietas (16,2%) e terapias alternativas (11,6%). As fontes mais citadas foram redes sociais (28,1%) e familiares/amigos (11,3%), enquanto sites de internet (6,1%), jornais/televisão (2,2%) e profissionais de saúde (1,1%) foram menos mencionados. Chama atenção a elevada proporção da categoria "outros" (51,2%), que pode refletir dificuldade de especificar ou múltiplas fontes não contempladas nas opções. Quanto ao impacto, apenas 2,7% dos pacientes afirmaram ter deixado de seguir uma recomendação médica devido a informações encontradas na internet ou redes sociais. **Conclusão:** O estudo evidenciou que mais de um terço dos pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico já esteve exposto a fake news sobre saúde, sobretudo em redes sociais e no convívio com familiares e amigos. Embora a maioria não tenha alterado sua adesão às recomendações médicas, o contato frequente com informações falsas representa um risco potencial, sobretudo em temas críticos como vacinas e terapias para câncer. Os achados reforçam a necessidade de estratégias de educação em saúde, fortalecimento da comunicação médico-paciente e combate sistemático à desinformação para garantir maior segurança e qualidade no cuidado oncológico.

Palavras-chave: Câncer; Desinformação; Internet; Quimioterapia.